

A imprensa, as pandemias e o futebol: uma análise das coberturas da gripe espanhola e do novo coronavírus¹

José Mário SANTOS²

Graduando

Larissa CARVALHO³

Graduanda

Maria Lívia RORIZ⁴

Doutora

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar comparativamente como a imprensa abordou os efeitos da pandemia da gripe espanhola, no início do século XX, e da Covid-19, 100 anos depois, no futebol brasileiro. Para tanto, recorreremos aos arquivos digitais do período compreendido entre 1918 e 1919, presentes na Hemeroteca Digital. A postura adotada pela mídia está inserida na pesquisa com o devido cuidado para não cometermos um anacronismo, isto é, transportar para o passado visões do presente.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Gripe Espanhola; Covid-19, futebol; pandemias.

Introdução

A gripe espanhola foi a primeira pandemia a impactar o futebol brasileiro, por mais incipiente que essa prática fosse em território nacional à época. Ela chegou ao Brasil em setembro de 1918, por meio da transmissão de um navio britânico, e dizimou cerca de 35 mil vidas. Naquele momento, o país vivia uma República excludente, cujos efeitos eram expandidos também à prática futebolística profissional, voltada apenas para a elite, sendo proibida pela Federação do Rio de Janeiro a atuação de atletas desempregados e “de cor”, como registrado em 1907, no jornal *Gazeta de Notícias*: “Comunico-vos que a directoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amador nesta Liga as pessoas de cor” (*Gazeta de Notícias*, 1907, p. 3). Devido à

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao 6º Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia.

² Bacharelado. Graduando em Jornalismo da UFRJ, email: josemario.santos@discente.eco.ufrj.br.

³ Bacharelado. Graduanda em Jornalismo da UFRJ email: larissa.carvalho@discente.eco.ufrj.br.

⁴ Pós-Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, bolsista PNPd-CAPES. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Mestre em Psicologia Social UERJ e Psicóloga Clínica, e-mail: marialiviaroriz@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6622030984325071>

elitização do esporte, os impactos do vírus *influenza* no futebol foram menos agressivos, uma vez que as classes populares foram as maiores vítimas da doença no Brasil, mas, indubitavelmente, houve reflexos na prática dessa atividade em solo nacional.

No entanto, a pandemia do coronavírus afetou os brasileiros a partir de março do ano de 2020, sem distinção de classe, de cor e de região, em um panorama caracterizado pela popularização, relevância e protagonismo cultural do futebol, muito diferente quando comparada à realidade do século passado. Desse modo, acreditamos que as informações que relacionam esse esporte e a Covid-19 são de interesse nacional, sendo noticiadas diariamente, muitas vezes como destaques em jornais impressos e televisivos, e massivamente consumidas nos diferentes portais de comunicação. Segundo Luiz Ribeiro (2007), a expansão capitalista que reordenou de forma radical as sociedades, trouxe consigo transformações tecnológicas, econômicas e culturais, dentre as quais, a prática dos esportes como significação de ser moderno e civilizado.

Após quase um século, a humanidade se viu novamente vítima de uma pandemia. Oficialmente diagnosticado no Brasil em março de 2020, até o presente momento o SARS-CoV-2 vitimou mais de quinhentos mil brasileiros, assim como milhões de pessoas ao redor do mundo. Dadas as diferenças de contexto, sabe-se que tanto a gripe espanhola quanto a Covid-19 interferiram nos eventos do âmbito futebolístico. A questão que nos afeta é: onde estava a imprensa e como ela abordou essa relação pandemia-futebol nas duas crises pandêmicas, separadas por um hiato de tempo de quase cem anos? Como foram as transformações dos meios de comunicação partindo da época da gripe espanhola para a atualidade, com o SARS-CoV-2?

Nossa pesquisa partiu da investigação no jornal *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, já que era um dos poucos jornais da época com editoria de esporte, nomeada “Vida Sportiva”, e contava também com uma revista ilustrada semanal de mesmo nome da editoria. Analisamos também o *Jornal do Brasil* e as edições da *Gazeta de Notícias* anteriores à pandemia para entendermos a conjuntura social do futebol no íterim analisado.

O futebol no século XX

Atualmente, a carreira futebolística bem-sucedida é sinônimo de prestígio financeiro, ascensão social. Na época anterior à gripe espanhola, o futebol não tinha tamanho destaque midiático quando comparado a outros esportes, como o jockey, o remo e

até tiro esportivo. A prática do esporte mais popular do mundo ainda não era profissionalizada no Brasil, o que só veio a acontecer na década de 1930. Era um esporte de domínio das elites que dominavam não só os bastidores, mas também as arquibancadas.

Por conta disso, os periódicos esportivos antecedentes à pandemia da *influenza* retratavam o noticiário do futebol voltado unicamente para a elite. Percebe-se uma tendência em externar reuniões de sócios dos clubes, eleições de presidentes e convocações de assembleias, em prol de convidar representantes burgueses para tais eventos, em vez de noticiá-los ao público geral. É notória também a presença de palavras inglesas no dicionário futebolístico, com destaque para *football* e *club*, além das posições de cada jogador em campo, como observado na seção *Gazeta dos Sports*, do jornal *Gazeta de Notícias*:

Informaram ao nosso collega São Paulo que passaram hontem por Santos, no vapor Aragon, com destino a Montevideo, tres hábeis *footballers* inglezes, um *forward* e um *goal-keeper*, que vão reforçar o *team* de um *club* inglez daquela capital, nos campeonatos dos grandes Jogos Olympicos Internacionais, que se effectuarão em março corrente. (*Gazeta de Notícias*, 1907, p. 4).

A falta de profissionalização do futebol influía na admiração social aos praticantes do esporte e, por conseguinte, refletiu de maneira direta na abordagem da imprensa sobre os falecimentos de futebolistas na época, causados pela Gripe Espanhola. Nota-se que veículos diários noticiavam a morte de um atleta de maneira simples, sem grande destaque como o de um caso de Covid-19 ou de uma internação de um jogador nos dias atuais.

Figura 1 Capa de jornal repercute a lesão sofrida por Neymar na Copa do Mundo de 2014.

<https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2014&mo=7&da=5&e=primeira+p%C3%A1gina&gr=true>

Fonte: Reprodução/Jornal Extra (2014)

As mortes de atletas

Em busca de uma análise mais precisa serão expostos três óbitos de jogadores durante a pandemia do século passado. A partir de observações aos periódicos do íterim analisado, verifica-se que as mortes dos três atletas tiveram a maior repercussão do cenário futebolístico da época .

O primeiro futebolista tratado é o inglês Archibald French, meia-esquerda do Fluminense. Naquela época o tricolor das Laranjeiras já era um clube conhecido no futebol, sendo inclusive líder do campeonato estadual que fora paralisado devido à pandemia.

Figura 2 Repercussão da morte do jogador Archibald French.



Fonte: O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, edição 01123, p 8. (1918)

Percebe-se que a abordagem do falecimento do britânico foi levada de maneira comum e até em certo ponto discreta, quando comparada com as de jornais do século XXI, mesmo com a tamanha relevância do Fluminense para a conjuntura do período analisado. Outro ponto a ser reforçado com o caso de Archibald French é a influência e, por consequência, a presença de jogadores ingleses no futebol brasileiro.

Membro da elite brasileira, Octavio Egydio é a segunda vítima da gripe espanhola que iremos analisar. Embora atuasse na Sociedade Esportiva Palmeiras de São Paulo, a morte do jogador ganhou mais visibilidade no veículo carioca *O Imparcial* quando comparada a do inglês Archibald French, destaque do Fluminense.

No jornal, percebe-se uma preocupação em detalhar o status social de Octavio Egydio, em vez de descrever suas qualidades como um *sportman*, isto é, um esportista. Filho do senador abolicionista Paulo Egydio, o jogador palmeirense pertencia à elite paulista, reforçando, assim, a presença majoritária dos ricos no futebol. O atleta brasileiro da alta sociedade de São Paulo recebeu certo destaque em um jornal do Rio de Janeiro, a capital da Velha República elitista. Contudo, o falecimento de Octavio Egydio continua tendo um destaque midiático irrisório se comparado aos casos contemporâneos de Covid-19.

Figura 3 O teste positivo para a Covid-19 de Jorge Jesus, técnico do Flamengo até então, ganhou espaço na capa.

<https://acervo.extra.globo.com/resultados/?ye=2020&mo=3&da=17&e=esportes&gr=true>

Fonte: Repercussão/ Jornal Extra (2020)

A morte com maior ênfase na mídia carioca foi a do mineiro João Cantuaria, atacante do São Cristóvão Athletic Club. Descendente de uma família com tradição militar em São João Del Rey, o jogador recebeu tanto uma grande visibilidade quanto muitas homenagens nos veículos de imprensa. Entre elas, destaca-se um poema publicado no jornal *O Imparcial* sob a autoria do pseudônimo “torcedora do Flamengo”.

Partiste para sempre, amante e defensor
Do formoso e gentil alvi-negro estandarte!
Partiste... era bem cedo e um amigo que parte
Deixa sempre saudade e lagrimas de dor...
Na flôr da juventude e forbe báluarte
Do gremio teu invicto, heróe conquistador
De louros, que pezar ammenso e que louvor
Vae nas sombras do além, choroso, acompanhar-te
Um thurábulo ergueste á glória do Campeão,
E o grande nome teu, que nos orgulha assim.
Guardamol-o, immortal, no grato coração.
Respona á sombra fiél das victorias (ilegível)
E de nossa amizade, até um dia, alfim
Exul metempsychose a nós te torne dar!
(*O Imparcial*, 1918, p. 9).

Jogador da Seleção Brasileira, João Cantuaria faleceu aos 24 anos e causou uma grande comoção na imprensa carioca, principalmente quando comparado aos óbitos citados anteriormente. A visibilidade midiática da morte do atacante do São Cristóvão pode ser explicada não só pela sua habilidade futebolística propriamente, mas também pelo fato da família do atleta ter laços militares.

Outro fator que confirma a repercussão, e até exacerbada para a época, é a edição do dia 7 de dezembro da revista esportiva ilustrada *Vida Sportiva*, cuja capa é uma foto do João Cantuaria mesmo após cerca de dois meses da sua morte. A demora para a publicação foi explicada pelos redatores “devido à grande dificuldade para conseguir a fotografia perfeita” do ídolo eternizado no hino do São Cristóvão.

Figura 4 João Cantuaria na capa de uma revista ilustrada depois de aproximadamente dois meses do seu falecimento



Fonte: Vida Sportiva, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 0067, p. 1.

Sómente hoje, devido a grande dificuldade com que lutamos para conseguir uma photographia do inesquecível João Cantuária, podemos prestar a nossa merecida homenagem a memoria do mesmo, estampando na capa do presente numero o seu retrato. Desobriga-se assim a *Vida Sportiva* de uma divida com o glorioso S. Christovao A. C. para o qual viva o querido *footballer* que se chamou em vida – João Menezes Cantuaria. (*Vida Sportiva*, 1918, p. 5).

O retorno do futebol

Em 2020, os campeonatos estaduais tiveram suas retas finais adiadas por conta da Covid-19. A Gripe Espanhola, 102 anos antes também foi responsável pela transferência de datas das competições regionais. Naturalmente, a decisão de paralisação do futebol no século XX ganhou destaque na coluna desportiva dos periódicos, aliás foi a primeira vez na história que o esporte sofreu consequências devido a uma pandemia. Conquanto, ainda não é possível equiparar a relevância do cancelamento das competições dada pelos veículos do passado com os do presente, haja vista o fortalecimento cultural do futebol no Brasil ao longo dos últimos 100 anos: “Tendo em consideração a situação [ilegível] que atravessa esta capital com a epidemia [ilegível], ficam suspensos, e ulterior deliberação o expediente da secretaria da Liga e bem assim os jogos do presente campeonato” (*O Imparcial*, 1918, p. 5).

Ao analisar alguns jornais, verificamos que os veículos tinham o papel não apenas de informar o leitor, mas também de transmitir opiniões juntamente com as notícias. Atualmente, é menos comum observarmos matérias em jornais com juízos de valor do jornalista explícitos. Essa redução de críticas embutidas em reportagens factuais em

quaisquer meios pode ser explicada pelo aumento de programas sonoros e audiovisuais voltados para debates com opinião. Por conta dessa prática de escrever críticas periódicas no passado, podemos perceber claramente que a linha editorial de *O Imparcial* era desfavorável ao retorno precoce dos campeonatos. No trecho a seguir esse posicionamento se torna explícito:

Com o declínio visível da terrível epidemia, vae já o sport carioca voltando felizmente ao seu estado normal. Os nossos grêmios sportivos já cuidam de reiniciar O preparo de seus quadros para a disputa das provas finnes do campeonato, e, nas nossas rodas sportivas, já é isso o assumpto obrigatório em todas as palestras. Trata-se, agora, de saber para quando marcará a Liga o reencetamento do torneio carioca. Um nosso collega vespertino, tratando hontem desse assumpto, disse que discorda do que ouvira de um director da Liga, o qual lhe disseram que seria o campeonato reencetado, em 15 do corrente. Esse nosso collega está com a razão pois essa data é muito cedo e isso devido á falta absoluta de tempo para preparo de nossos teams. Não se póde admittir que em uma semana apenas, possam os teams dos nossos clubs ficar em condições de disputa matches. Além disso, devemos levar em conta que, tendo la maioria dos players, sido atacada pela grippe, encontra-se agora em convalescença e não vao para o campo treinar com o tempo inconstante que temos tido. (*O Imparcial*, 1918, p. 9).

É interessante considerar que esse mesmo debate ocorreu novamente cerca de 100 anos depois. Durante a pandemia do coronavírus, temos visto intensa discussão por parte dos meios de comunicação sobre a viabilidade do retorno ou não dos campeonatos estaduais, em especial do Carioca, que foi o primeiro a retornar. Apesar da distância de quase um século e das mudanças sofridas pelos jornais nesse período, ambos assumem a missão jornalística constituída para além de seu caráter informativo, estendido também ao seu papel crítico, rodeado por posicionamentos relevantes socialmente, em um contexto de crise da saúde nacional, como também política e econômica.

O ano de 1918 tinha em seu calendário futebolístico o Campeonato Sul Americano da mesma maneira que o de 2020, quando a Copa América seria realizada. Ambos os torneios são disputados por seleções nacionais dos países americanos. Apesar das nomenclaturas diferentes, trata-se do mesmo campeonato. Tanto a competição do século passado quanto a do século XXI foram adiadas para o ano posterior, ou seja, para 1919 e para 2021. Os periódicos da época também noticiaram com certa relevância a transferência de data da disputa pelo troféu, que viria a ser o primeiro título da Seleção Brasileira.

O Campeonato Sul Americano está adiado. As novas serão concertadas com a Confederação Sul Americana, logo que se transponha a calamitosa situação creada pelo epidemia reinante. E é muito provavel que a Confederação Brasileira indique o trimestre Abril, Maio e Junho, dentro do qual será escolhida nova data para o início dos certamens. (*Jornal do Brasil*, 1918, p. 6).

Por ser uma competição continental entre países, nota-se que os meios comunicacionais do período trataram o Campeonato Sul Americano com bastante destaque. Outro fator a ser levantado é a sede do torneio: o Brasil. Logo, seria de interesse nacional a realização do torneio em terras brasileiras. Podemos identificar uma semelhança entre os dois períodos analisados: a essência dos bastidores do futebol é o jogo de interesses, algo totalmente perceptível atualmente. Já há 102 anos, ao ser anunciada a remarcação para um ano do Campeonato Sul Americano, o Uruguai imediatamente propôs ser a sede do torneio ainda em 1918, o que rendeu críticas na época de *O Imparcial*: “A Confederação Brasileira, forçada pelas circuntancias, solicitou da Sul Americana a transferencia ‘sine-dio’ do grandioso certamen. Disso se aproveitaram logo alguns elementos uruguayos que começaram um trabalhinho desleal para que seja o campeonato levado a effeito em Montevideo” (*O Imparcial*, 1918, p. 9).

Além da parcialidade demonstrada no trecho, é notória também a crítica carregada de palavras mais ríspidas e até irônicas, como observado no termo “trabalhinho desleal”. Hoje os jornais têm uma linha editorial e, por isso, transmitem suas opiniões nos editoriais e também nas entrelinhas de algumas notícias.

Diferenças laborais e de abordagem

O jornalismo atual preza em apurar antes de publicar, dado o poder de influência de um veículo de imprensa sobre a sociedade. Sendo assim, faz-se necessária a certeza ao publicar qualquer informação, além de provas, caso contrário é possível que a pessoa ou a instituição citada exija alguma reparação. Percebe-se que os periódicos do século XX não hesitaram em escrever críticas de maneira mais incisiva e até exacerbada, quando comparados aos da contemporaneidade.

Analisando ainda o processo de apuração da época, é visível como este trabalho era mais simplório do que o existente hoje, seja pelos poucos recursos tecnológicos e de comunicação, seja por menor influência da notícia esportiva à população. No futebol moderno, existe até uma função jornalística dedicada à profunda apuração de notícias, os

chamados “setoristas”, responsáveis por acompanhar exclusivamente determinados clubes ou jogadores e estabelecer uma rede de fontes confiáveis para averiguar todas as informações. Porém, há 100 anos, o que chamamos hoje de “dar uma barrigada” poderia ser recorrente, já que toda essa estrutura complexa de apuração não era presente. Essa pouca exigência em apurar fez com que o jornal *O Imparcial* “matasse” um esportista de gripe espanhola após receber um trote por telegrama comunicando-os do suposto falecimento.

Embora esse episódio seja hoje considerado bizarro, a retratação do jornal contou apenas com uma nota de quatro parágrafos avisando que o esportista estava vivo e que tudo havia sido uma brincadeira de mau gosto de um “engraçado da paulicéa”. Sob o título de “O distinto sportman paulista Dr. Luiz Pannaim não morreu”, eles explicam:

Devido a uma brincadeira estúpida de muito má gosto, feita por um engraçado da paulicéa que nos telegraphou d’ali abusando do nome do sr. Norberto Bittencourt, incluimos o nome do distinto sportman paulista dr. Luiz Pannaim (sahiu Cannaim), dentre as victimas da epidemia. Alguns de nossos collegas da tarde chegaram mesmo a fazer “lindo necrologios” do querido sportman, “victima” da estúpida pilheria, mas que felizmente se encontra de perfeita saude. Disso fomos sabedores pelo sr. Norberto Bittencourt que, chegando hontem da paulicéa, veio á nossa redação, declarar não ter sido o autor do telegrama. Folgamos em registrar, a “resurreição” do nosso estimado collega de imprensa dr. Luiz Pannaim que teve, ao menos, com isso, ensejo de ver em vida o quanto morto seria chorado. (*O Imparcial*, 1918, p. 9)

A atitude em explicar a história pode ser interpretada como uma maneira de o jornal transferir a responsabilidade do erro ao autor do trote e não ao veículo por não ter confirmado a informação. Essa realidade é diferente no jornalismo esportivo do século XXI, uma vez que este é muito dinâmico e envolve grandes interesses econômicos por trás de cada furo e grandes notícias, o que exige do profissional da área um filtro constante para separar o que é fato e o que é *fake*.

Em 2020, com a Covid-19, é impossível afirmar que situação parecida não pudesse ocorrer, mas sabe-se que os mecanismos envolvidos no processo para atestar uma informação são complexos. Mesmo porque o futebol de hoje é constantemente relacionado a questões judiciais e “matar” uma pessoa pode custar caro ao responsável pela notícia. E, mais do que isso, o futebol é tido como o esporte de maior paixão nacional, divulgar a morte de um jogador em um momento tão delicado quanto o de pandemia, sem atestar esse

acontecimento, poderia desolar milhões de corações torcedores à toa e pôr em descrédito o veículo informativo.

A função do jornal para o mundo esportivo, em especial ao que diz respeito ao futebol, também se transformou com o tempo. Antes, ele não servia para informar apenas os interessados pelo desporto, mas também para avisar aos jogadores e esportistas sobre reuniões, treinos e partidas. Após a paralisação dos jogos e treinos por conta da gripe espanhola, assim como acontece em 2020 com a pandemia do SARS-CoV-2, os periódicos diários foram a principal ferramenta dos clubes e federações para divulgar e convocar seus atletas para retornar aos treinos: “Peço o comparecimento de todos os jogadores e reservas do 1º e 2º teams na quinta-feira, às 15 horas, no campo, á rua Moraes e Silve n. 43, para dar-se inicio aos treinos. O director sportivo, Armando Reis”. (*O Imparcial*, 1918, p. 9).

Em meio à pandemia, a imprensa teve o papel de porta-voz dos clubes, por vezes, servindo mais a estes do que a propriamente notificar o torcedor. Isso fica visível na estruturação da mensagem, direcionando-se claramente aos atletas como notamos em “peço o comparecimento de todos os jogadores e reservas” e com a assinatura de um dirigente “o diretor esportivo Armando Reis”. O que era a ponte de informação e comunicação entre os jogadores, dirigentes e afins eram os jornais, que se construíam, desse modo, um elo entre a instituição futebolística e seus funcionários.

Quase um século depois, a realidade da imprensa se apresenta diferente, já que os clubes atuais possuem, inclusive, seus próprios portais informativos e suas próprias redes sociais, o que faz com que eles não precisem transferir a um veículo a responsabilidade por suas principais notícias. O porta-voz dos clubes hoje é materializado na figura do assessor de imprensa.

Por isso, em 2020, os times anunciaram seu retorno aos treinos a partir de *releases* e notas publicados por sua equipe de assessoria para notificar a mídia. Esta, por sua vez, se encarregou de tornar pública a informação, não representando o clube ou assinando em nome de dirigentes, mas com a responsabilidade primária em servir o público-alvo interessado pela notícia, o qual inclui torcedores e simpatizantes por futebol.

As atividades da equipe profissional do Fluminense no Centro de Treinamento Carlos Castilho estão marcadas para recomeçar nesta sexta-feira (19/06), com protocolo especial em relação à pandemia do Covid-19. Enquanto não houver controle da pandemia, os treinos serão

fechados à imprensa e as coletivas acontecerão de forma virtual, em formato a ser divulgado posteriormente.⁵

Até mesmo o treino com alternância de jogadores foi divulgado durante a gripe espanhola, mais uma vez, não apenas objetivando em primeiro lugar informar o torcedor, mas, principalmente, avisar aos envolvidos. Situação parecida ocorreu com o Madureira em 2020: ao retornar com os treinos meses após paralisação da pandemia, o clube do subúrbio carioca decidiu alternar os jogadores nos treinamentos. Ao compararmos as notícias de 1918 e de 2020, fica visível que a primeira atende principalmente ao interesse do clube em convocar seus atletas; a segunda, atende ao interesse do torcedor ao tornar pública a informação de como o time estaria de volta aos treinos e como isso iria ocorrer.

Comunico aos srs. jogadores, por ordem do sr. director de sports terrestres, que recomeçarão os treinos na proxima semana, de forma seguinte: quarta-feira, 6 de novembro, bate-bola para os primeiro e segundo teams. Quinta-feira, 7 de novembro, treino dos terceiro e quarto teams. Sexta-feira, 8 de novembro, treino dos primeiro e segundo teams. Às 16 horas, como de costume. Santiago C. Foguet, entraineur. (*O Imparcial*, 1918, p. 9).

Nas duas últimas semanas, sanitizações foram efetuadas nas dependências de Conselheiro Galvão, bem como testes para o Covid-19 foram realizados. Segundo o clube, funcionários e atletas estão aptos para retornarem aos treinos. A principal medida adotada pela instituição foi a de dividir os atletas em dois grupos e alternar o dia de trabalho, de forma que reduz a aglomeração e os grupos não se encontram.⁶

Apesar das limitações tecnológicas do início do século passado, que tornavam lenta e pouco dinâmica a produção de informação, é inegável a importância dos jornais impressos para a sociedade daquele tempo. Durante a pandemia, *O Imparcial* assumiu não só o papel de porta-voz dos clubes, conforme apresentamos anteriormente, como também se assemelhou aos portais atuais de notícias ao acompanhar a saúde de esportistas que foram diagnosticados com a gripe espanhola, assim, mortos e recuperados eram constantemente

⁵ NOTA oficial - retorno aos treinamentos. **Fluminense**, 2020. Disponível em:

<<https://www.fluminense.com.br/noticia/nota-oficial-retorno-aos-treinamentos/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2020.

⁶ CARVALHO, Larissa. Dois grupos e dias alternados: assim, o Madureira retomou os treinos. **Fala! Universidades**, 2020. Disponível em:

<<https://falauniversidades.com.br/dois-grupos-e-dias-alternados-assim-o-madureira-retomou-os-treinos/>>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

noticiados na editoria de esportes. Para além dos futebolistas, familiares destes também ocupavam um espaço dentre as extensas páginas do jornal.

Antonio Campos (Antonico), o valoroso full back do Club de Regatas do Flamengo, acaba de passar pelo rude golpe de perder sua (ilegível) progenitora, d. Julia Maria Carneiro de Campos, que foi victimada pela epidemia. Ao querido sportman os nossos sentimentos. (*O Imparcial*, 1918, p. 8).

Estes dois queridos e valorosos footballers do 1º team do Palmeiras, já estão completamente estabelecidos da tal gripe que os prostou por alguns dias no leito.
FLAVIO de Almeida e Claudionor da Silva já se restabeleceram. (*O Imparcial*, 1918, p. 8).

No contexto do coronavírus, personagens envolvidos indiretamente com o futebol também faleceram e, mesmo como há 100 anos, tiveram seus nomes lembrados nos mais variados portais, em matérias sensíveis ao luto e relevantes por seu teor informativo. Mesmo com repercussões diferentes, pode-se afirmar que o profissionalismo pautado no respeito às vítimas do século XXI certamente tem suas raízes com o modo de fazer jornalismo do passado.

Na pandemia que acomete o século XXI, os jornalistas esportivos realizaram entrevistas com jogadores de futebol, atualizando os portais com notícias além das factuais, incrementadas também com a avaliação dos atletas sobre o panorama caótico enfrentado. Além disso, as postagens nas redes sociais dos importantes personagens do futebol brasileiro viralizaram como notícia, fazendo com que sempre houvesse algo movimentando a indústria de comunicação do futebol, ainda que este estivesse paralisado.

Embora esses recursos pareçam distantes da realidade dos jornais impressos inseridos no contexto da gripe espanhola, é interessante avaliar que, dentro das condições possíveis, os profissionais da editoria esportiva de *O Imparcial* foram muito competentes em buscar meios de movimentar o conteúdo enquanto os jogos estavam suspensos. Eles conseguiram realizar isso a partir da divulgação de cartas enviadas por jogadores, por exemplo, e da exposição de entrevistas polêmicas, como a feita com duas torcedoras do Rio de Janeiro, em que elas criticam a torcida paulista e exaltam a carioca: “Aqui [São Paulo] ninguém torce, ninguém tem entusiasmo. No Rio é que se sabe apreciar uma [ilegível] de football...” (*O Imparcial*, 1918, p.9).

Os jornais da época também não podiam contar com o recorrente uso de fotografias. A parte visual era composta basicamente por ilustrações. Ao divulgarem em maio de 2020 a inauguração do hospital de campanha construído nas dependências do Maracanã, o portal UOL Esportes contou com fotografias de boa qualidade e retiradas do alto, provavelmente com drones e outros recursos tecnológicos. Valer-se do recurso visual é uma estratégia fortemente presente nas matérias esportivas atuais, principalmente nos portais digitais.

Figura 5 Hospital de campanha nas dependências do Maracanã.



Fonte: Delmiro Junior/Agência O Dia/Estadão Conteúdo.

Por outro lado, ao divulgar em 1º de novembro de 1918 a instalação do hospital de campanha na sede do Botafogo, *O Imparcial* cumpriu com seu dever de comunicar seus leitores, porém essa notícia foi dada de maneira singela, simples e sem receber um destaque ou atenção especial. Não houve ilustrações e nem uma manchete chamativa. Tudo que existiu foi o jornal entendendo a necessidade de publicar a informação, sem, no entanto, investir nela com recursos para além dos verbais. Um trabalho coerente com o papel social do impresso, porém bastante primitivo e com simples estratégias laborais.

Figura 6 Espaço da sede do Botafogo foi utilizado como hospital de campanha.



Fonte: O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, Edição 01118, p.5

É importante ressaltar que quase todas as páginas do jornal eram assim, mesmo as de outras editorias, o que revela não um descaso do periódico com o âmbito esportivo, mas uma limitação generalizada de recursos compreensível pela tecnologia menos desenvolvida que a disseminada atualmente.

Enquanto a chamada “*influenza*” vitimava futebolistas – segundo o jornal *Estado*, 1918, em 20 dias, 14 esportistas já haviam falecido – é notória uma participação direta dos impressos em ajudar, por meio de doações, as instituições de saúde da época, a exemplo da Cruz Vermelha. Juntamente a essas doações, havia a preocupação em externar a atitude nobre dos clubes que se dedicavam também a fazê-la. Assim, é interessante observar como essa postura adotada pelos periódicos pode ter influenciado maior participação das instituições de futebol na situação crítica da saúde gerada pela pandemia.

Desse modo, os jornais assumiram não só um papel direto no processo de ajuda às vítimas da gripe espanhola por meio de doações financeiras, como também instigaram indiretamente que times de futebol fizessem o mesmo. A descrição da atitude do clube Ypiranga, por exemplo, como um “belo gesto” e a maneira como a mensagem busca sensibilizar o leitor ao dizer “Não se ha de arrepender de ter prestado auxilio [...] que procura minorar os soffrimentos dos pobres” (O Imparcial, 1918, p. 10) tem um teor de purificação aos que se encarregaram da atitude caridosa e convence outros times de futebol a participarem da campanha de doação também.

Lemos no “Estadinho”. Ao C. A. Ypiranga não passou desapercibida a nossa campanha. A sua directoria tambem quiz dar uma prova eloquente de que não está alheia ao que se passa nesta capital. Abriu uma subscrição cujo producto será entregue á Cruz Vermelha. Procedeu

optimamente. Não se ha de arrepender de ter prestado auxilio, nesta emergencia, a uma das instituições de caridade, que procura minorar os soffrimentos dos pobres. (*O Imparcial*, 1918, p. 10).

Considerações finais

Diante o contexto retratado no artigo, nota-se que é impossível realizar qualquer análise histórica do futebol no começo século passado sem considerar a fase incipiente do esporte no Brasil. Com a pesquisa construída podemos verificar que a imprensa é influenciada pelo seu público. Pelo fato da prática futebolística na Velha República ser extremamente elitista e excludente, os veículos da época fazem uma abordagem aos mesmos moldes, em prol de atingir diretamente quem acompanha o esporte em questão.

Outro ponto que pudemos averiguar diz respeito as mortes dos atletas brasileiros, o falecimento dos As mortes de jogadores eram tratadas com menos repercussão. Ou seja, mesmo após a gripe espanhola, as páginas de periódicos seguiram dedicando pouca atenção ao mundo futebolístico, ocupando este apenas um pequeno espaço do jornal, com raríssimas exceções, por exemplo, a supracitada morte de João Cantuária. Na atualidade, temos outra realidade, os atletas diagnosticados com coronavírus receberam um destaque relevante, sendo inclusive capa de jornal, mesmo sem serem vítimas fatais. Dessa maneira, nota-se como o *football* do século XX popularizou-se em cem anos e se tornou um elemento cultural forte e relevante na sociedade brasileira, estereotipada muitas vezes por conta do esporte mais conhecido do país ser o futebol.

Outro ponto a ser destacado é a crítica editorial presente em jornais impressos, inclusive com acusações de “trabalho desleal”. Nota-se, portanto, que o trabalho crítico também pertencia aos periódicos diários do século XX, sem uma coluna direcionada exclusivamente a essa avaliação. Atualmente, tal papel pode ser vinculado às colunas de opinião e às edições de programas ou até jornais sonoros e audiovisuais, desde que haja algum espaço direcionado às considerações individuais. A principal diferença concentra-se na segmentação entre a imparcialidade ao divulgar alguma informação e a parcialidade ao comentá-la com valores opinativos.

Apesar do elitismo, é importante analisar como os impressos assumiram um papel protagonista no contexto da gripe espanhola relacionado ao futebol, desde a serventia de porta-voz das instituições até o papel social em estimular doações às instituições de saúde. Mesmo com recursos limitados, o serviço prestado à população carregava a essência do que

chamamos hoje de “fazer jornalismo”, compreendido pela preocupação social e política dos diversos assuntos.

Atualmente, temos diversos recursos: *smartphones*, drones, redes sociais, câmeras. O futebol é o esporte mais popular do país, visível nos campos improvisados pelas ruas e nas TVs brasileiras semanalmente. Assim, as notícias da pandemia se mostram mais relevantes e repercutem a velocidades incalculáveis nos meios digitais. Há cem anos, o dinamismo era menor, as fotografias raríssimas e a relevância pequena. Apesar disso, é interessante comparar como a cobertura da influência das pandemias no futebol se deu de modo tão diferente, mas ao mesmo tempo tão parecido, como no respeito às vítimas e nos debates levantados.

Referências

A Transferencia dos Campeonatos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 00296, p 6.

ANTONICO perde sua progenitora victima de “*influenza*”. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01123, p. 8.

CAMPEONATO Sul-Americano de Football. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01126, p 9.

CARVALHO, Larissa. Dois grupos e dias alternados: assim, o madureira retomou os treinos. **Fala! Universidades**, 2020. Disponível em: <<https://falauniversidades.com.br/doi-grupos-e-dias-alternados-assim-o-madureira-retomou-os-treinos/>>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

FOGUET, Santiago C. O Flamengo começa hoje a treinar. Aviso. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01130, p 9.

FOOT-BALL, **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1907, edição 00061, p.4

LIGA Metropolitana de Desports Terrestres. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01117, p 5.

NOTA oficial - retorno aos treinamentos. **Fluminense**, 2020. Disponível em: <<https://www.fluminense.com.br/noticia/nota-oficial-retorno-aos-treinamentos>>. Acesso em: 13 de novembro de 2020.

O C. A. YIRANGA de S. Paulo tem um bello gesto. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01125, p. 10.

O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01123, p. 8.



REIS, Armando. Os clubs da metropolitana sport club Rio de Janeiro. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01130, p 9.

SINGELA Homenagem. A Cantuaria, o denonado e leal *player* do São Cristóvão, uma “torcedora do Flamengo. **O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 1918, edição 01125, p. 9.

THE Bangú Athletic Club, Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ano 1907, edição 01138, p 3.